

Transexualidade e Identidade de Gênero: um Olhar Psicanalítico

Gerson Heidrich da Silva¹

Renato Xavier Santana²

Resumo

A transexualidade é um campo atravessado por inúmeras controvérsias, desde nomenclaturas até o entendimento da identificação de gênero e a sexualidade desses sujeitos. O objetivo deste artigo é apresentar um estudo investigativo de como ocorre o processo de identificação de gênero de transexuais, bem como sua vivência sexual no contexto intrapsíquico e social. A amostra foi de conveniência, com dois transexuais, um masculino e o outro feminino, na cidade de São Paulo. Baseado no escopo teórico da psicanálise, pode-se dizer que há um movimento libidinal que se desloca de acordo com o desejo, cuja realização parece estar no ser reconhecido como sujeito que se reconhece em sua identidade de gênero. Diante disso, considerando os direitos, torna-se possível gozar.

Palavras-chave: Transexualidade. Identidade de gênero. Psicanálise.

Abstract

Transsexuality is a field crossed by numerous controversies, from nomenclatures to the understanding of gender identification and sexuality of these subjects. The aim of this article is to present an investigative study of how the process of gender identification of transsexuals occurs, as well as their sexual experience in the intrapsychic and social context. The sample was of convenience, with two transsexuals, one male and the other female, in the city of São Paulo. Based on the theoretical scope of psychoanalysis, it can be said that there is a libidinal movement that moves according to desire, whose realization seems to be in the being recognized as a subject who recognizes himself in his gender identity. Given this, considering the rights, it becomes possible to enjoy.

Keywords: Transsexuality. Identity of Genre. Psychoanalysis.

¹ Psicólogo, Mestre e Doutor em Educação na área Psicologia e Educação pela Universidade de São Paulo – FEUSP. Professor e Supervisor no curso de Psicologia da Universidade Santo Amaro – UNISA. Supervisor Clínico e Institucional. Integra o Grupo de Pesquisa CNPQ – Temas da Educação Contemporânea e a Perspectiva Histórico-Cultural, coordenação Prof^a Dr^a Teresa Cristina Rego – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP. e-mail: psicopiq@uol.com.br. ORCID: 0000-0001-8510-7752

² Psicólogo pela Universidade Santo Amaro. Mestrando em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atua na clínica e como educador e consultor nas áreas de gêneros, sexualidades e relações raciais pelo projeto Rascunhos de Gênero. e-mail: rexaviersantana@gmail.com. ORCID: 0000-0002-0254-3207

1 Histórico e Cenário Atual

A transexualidade está presente na história em diferentes períodos, mas é a partir do século XX que esse fenômeno se torna mais expressivo. Como uma categoria na identidade de gênero, a transexualidade foi criada a partir da década de 1950, nos Estados Unidos, onde Harry Benjamin, John Money e Robert Stoller desenvolveram suas principais pesquisas e teorias (LEITE JR., 2011).

Harry Benjamin cria, então, o conceito de transexualismo, com o qual passa a teorizar e descrever o fenômeno transexual. Posteriormente, John Money aprimora o raciocínio de Benjamin, preconizando uma separação entre o “sexo real”, biológico, e o registro subjetivo do gênero, estabelecido por meio da educação e das influências culturais. Money, a partir de estudos realizados com crianças, demonstra a existência de uma independência radical entre a identidade de gênero e o sexo biológico, sugerindo que o transexualismo se caracterizaria pela não adequação entre o sexo e o gênero (CASTEL, 2001).

Historicamente, a primeira cirurgia de transgenitalização em uma mulher transexual foi realizada em Berlim, em 1931. No entanto, o primeiro caso de grande repercussão foi o de Catherine, em 1952, que viveu como George Jorgensen Jr até os 26 anos (BENTO, 2012). Em 1910, Magnus Hirschfeld, cirurgião alemão, usou pela primeira vez o termo “transexualpsíquico” para se referir a transexualidade (SAADEH, 2004).

De acordo com Bento (2008), a primeira mulher transexual brasileira que realizou a cirurgia foi Jacqueline, no ano de 1969, em Marrocos. Em 1971, o médico Roberto Farina fez a primeira cirurgia de transgenitalização no Brasil e foi acusado por lesão corporal pelo Conselho Federal de Medicina, sendo absolvido posteriormente. Contudo, a temática da transição entre os gêneros ganhou visibilidade, no Brasil, a partir da década de 1980, com o “fenômeno Roberta Close” (LEITE JR., 2011).

O marco legal da cirurgia de redesignação sexual no Brasil deu-se em 1997, a partir da Resolução 1482/97 do Conselho Federal de Medicina que aprovou a realização de cirurgias e, desde então, vários serviços começaram a ser organizados face à demanda dos transexuais (ALMEIDA; MURTA, 2013).

Segundo Almeida e Murta (2013), o cenário mundial atual caminha para um movimento de despatologização das identidades trans. Apesar disso, no contexto

brasileiro ainda vigora a interpretação patologizada dessas vivências. A discordância entre o sexo e o gênero não só constitui uma experiência tida como anormal, ininteligível, que se sustenta, como orienta as políticas destinadas a essa comunidade, especialmente as políticas públicas em torno da atenção à saúde de transexuais.

Buscando ampliar o conhecimento sobre o fenômeno da transexualidade, realizou-se um estudo com a finalidade de investigar como ocorre o processo de identificação de gênero de transexuais e a sua vivência sexual no contexto intrapsíquico e social. O escopo teórico da psicanálise serviu como base de reflexão e análise do conteúdo disponibilizado pelos participantes da pesquisa, o que será apresentado ao longo deste artigo, mais precisamente no campo dos resultados e discussões. Antes, porém, serão apresentadas as definições de alguns conceitos referentes ao tema, com a finalidade de oferecer ao leitor uma base norteadora à discussão aqui proposta.

2 Definindo a Transexualidade

Galli *et al.* (2013) afirmam que o campo da transexualidade é atravessado por inúmeras controvérsias, sendo a primeira delas referente às nomenclaturas utilizadas. Entre pesquisadores, transexuais e ativistas dos direitos humanos há divergências, nas quais os termos de destaque seriam transexualismo, transexualidade e disforia de gênero.

Dado esse contexto, Galli *et al.* (2013) questionam: afinal, o que é transexualidade? Segundo Arán (2006), parece haver um consenso entre as diversas teorias que abordam o tema, de que na transexualidade haveria uma incoerência entre sexo e gênero.

É importante esclarecer que os transexuais apresentam os órgãos sexuais e os caracteres secundários normais, da mesma forma que a organização cromossômica, diferenciando-se assim dos casos de intersexo. Trata-se de um fenômeno que se manifesta no âmbito da identidade sexual. Seu corpo indica a correspondência a um sexo, masculino ou feminino, e o sujeito identifica-se ou afirma pertencer ao gênero oposto (COSSI, 2010).

Chiland (2008) diz que não se trata do desejo do transexual de pertencer, mas da evidência de que ele pertence ao outro sexo. Desse modo, diferencia-se do

travestismo, visto que neste o sujeito tende a sustentar as duas identidades – masculina e feminina – gozando com essa ambiguidade a partir de um jogo no qual não há um conflito com o corpo.

Ressalta-se que alguns profissionais optam por designar como transexuais somente aqueles que se submeteram a tratamentos hormonocirúrgicos. Entretanto, é importante frisar que, embora para alguns transexuais haja a necessidade de realizar os procedimentos para modificações corporais, para outros essa realização não é necessária. Contentam-se, por exemplo, com a alteração da identidade civil ou em poder viver como o gênero desejado (ALMEIDA; MURTA, 2013; COSSI, 2010).

De acordo com Almeida e Murta (2013), a forma mais comum de compreensão da transexualidade é a do “corpo errado”, isto é, um homem vivendo equivocadamente em um corpo feminino e/ou vice-versa. E, desse modo, as modificações corporais tendem a operar no sentido de restabelecimento da harmonia do sujeito. As necessidades dessas modificações corporais são expressas em um contexto de experiências marcadas por intenso sofrimento, interdição aos direitos humanos mais elementares e exclusão – por vezes, desde a infância –, assumindo um caráter abjeto, isto é, asqueroso, abominável, desprezível. Acredita-se que somente será possível o reconhecimento enquanto sujeitos, mediante a construção de corpos em convicção com a imagem associada ao gênero afirmado.

Para muitos transexuais, o conflito que existe é com o gênero que foi imposto e com a impossibilidade de trânsito identitário, e não necessariamente com as normas de gênero. Diante disso, Bento (2012, p. 2663) diz que não há uma “identidade trans”, mas posições de identidade organizadas através de uma complexa rede de identificações que, de certo modo, se efetiva mediante movimentos de negação e afirmação aos modelos disponibilizados socialmente para se definir o que é “um homem ou uma mulher de verdade”.

Neste sentido, parece-nos importante ressaltar que, em parceria com militâncias trans, o site *Catraca Livre* (2015) esclarece, por meio do “Guia para não ser transfóbico”, que a diferença entre transexual, travesti e transgênero é de autoidentificação.

3 Questões de Gênero e Sexo

Segundo Cossi (2010), o sexo, no sentido anatômico, diferencia-se da identidade sexual e não são naturalmente correspondentes, visto que gênero reúne aspectos psicológicos, sociais e históricos associados à masculinidade e à feminilidade. Afirma ainda que não há determinismo biológico quanto à construção da identidade de gênero.

Sobre os conceitos de sexo e gênero, Arán (2006) pondera que essa concepção restringe em muito a possibilidade de compreensão das subjetividades e das sexualidades. Desse modo, Butler (2001) diz que sexo – homem e mulher – não é uma condição estática e sim uma construção materializada pelo tempo. Da mesma forma, gênero não é construção social imposta a uma matéria (o sexo), e sim um efeito performático que possibilita a constituição e o reconhecimento de uma trajetória sexuada.

Butler (2001) destaca a importância de considerar os meios pelos quais as normas reguladoras materializam esses sistemas de gênero e sexo. Foucault (2001) corrobora este pensamento sobre o dispositivo da sexualidade e no que está envolvido nele, considerando os mecanismos de poder e o saber que lhes são intrínsecos. Falar de sexualidade é se referir à produção dos saberes que a constituem e aos sistemas de poder que regulam suas práticas. Sendo assim, identidades de gênero que não se conformam com as leis culturais assumem um caráter abjeto e patológico.

Arán (2006) complementa dizendo que as literaturas a respeito do tema estão baseadas em uma matriz heterossexual, tomadas tais posições binárias como legítimas. Caso não corresponda ao sistema binário hierárquico, todas as outras manifestações de gênero tornam-se incompreensíveis e impossíveis de serem inscritas no âmbito simbólico.

4 Perspectivas Sobre a Transexualidade

A experiência transexual assume um caráter patológico – de um transtorno de identidade – nos discursos atuais médicos, psicológicos e psicanalíticos, tendo em vista a não conformidade entre sexo biológico e gênero (ARÁN, 2006).

De acordo com Cossi (2010), a medicina, particularmente a psiquiatria, apropriou-se, inicialmente, das questões relativas à transexualidade. Na visão médica, prevalece o conceito de que esses sujeitos são portadores de um transtorno de identidade sexual, cuja contradição entre o sexo biológico e a identidade sexual é vista como um distúrbio.

Com base na perspectiva médica, há duas classificações para o transtorno de identidade de gênero: a Classificação Internacional de Doenças, 10ª edição (CID 10) (OMS, 1993) e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição (DSM-V) (APA, 2014). No CID 10 (OMS, 1993), o *transexualismo* é definido como um desejo de viver e ser aceito como um membro do sexo oposto, isto é, de não pertencimento ao sexo biológico. Geralmente, tal sentimento é acompanhado por um desconforto ou impropriedade de seu gênero biológico, tendo ainda o desejo de se submeter a tratamentos e procedimentos para pertencer ao gênero com o qual se identifica. Entretanto, não poderá ser um sintoma de outro transtorno mental.

Segundo o DSM-V (APA, 2014), há dois componentes que devem ser obrigatórios no diagnóstico de disforia de gênero. O primeiro é a presença de forte e persistente identificação com o sexo oposto, que consiste no desejo de ser ou na insistência do indivíduo de que é do sexo oposto, e essa identificação com o gênero oposto não deve refletir em um mero desejo de quaisquer vantagens culturais percebidas por ser do sexo oposto. E o segundo, um desconforto persistente com o próprio sexo anatômico, ou uma sensação de inadequação com o papel de gênero deste sexo.

Sobre os aspectos etiológicos da transexualidade, Saadeh (2004), após extenso levantamento das teorias biológicas, esclarece que as pesquisas recentes realizadas e as que relacionam genética e dimorfismo cerebral, ainda se baseiam em hipóteses. Afirma ainda que as pesquisas em busca de uma perspectiva biológica prosseguem, mas sem achados definitivos ou conclusivos. Já Cordeiro (2012) observa que a maior parte da produção científica a respeito do tema, sob a perspectiva psicológica, está inserida em uma abordagem psicanalítica. Cossi (2010), no entanto, alerta que as pesquisas em psicologia e psicanálise também não são definitivas.

É importante ressaltar, segundo Saadeh (2004), considerando a perspectiva da psicanálise, que Freud não abordou especificamente o tema da transexualidade, sendo este tratado como uma variação da homossexualidade, como pode ser visto

no “Caso Schreber”, publicado por Freud em 1911. Baseado na leitura do livro “Memórias de um doente dos nervos”, esse caso trata-se do relato de uma experiência psicótica do desejo de transformar-se em mulher, isto é, uma relação entre homossexualidade e paranoia (ARÁN, 2006; SAADEH, 2004; SCHREBER, 1984). Porém, para Saadeh (2004), por se tratar de um quadro psicótico, não caracteriza a transexualidade.

Ainda segundo Saadeh (2004), a partir da década de 1970, diversos estudiosos de psicologia e psicanálise passaram a sistematizar o conhecimento a respeito do tema. Afirma ainda que as dificuldades em conceituar e as diferenças entre as escolas em relação aos referenciais psíquicos aumentaram a confusão, apesar de terem contribuído com informações valiosas.

Stoller (1982), importante estudioso da transexualidade e psicanálise contemporânea, desenvolveu seu trabalho a respeito das distorções no desenvolvimento da masculinidade e feminilidade. Propõe a noção de “núcleo de identidade de gênero” para a compreensão da experiência transexual, designando o sentimento de ser homem ou mulher estabelecido no segundo e terceiro anos de vida.

Em seus estudos, esse autor traz algumas possibilidades para pensar o “transexualismo” masculino como um caso de identificação permanente com a figura materna, que não é rompida, tratada por ele como uma simbiose. Neste caso, o complexo de Édipo não se estabeleceria por não ter a masculinidade ameaçada pela castração no conflito com a figura paterna. Da mesma forma, a ausência desta figura paterna também não ameaçaria e não estabeleceria o conflito edípiano. A postura passiva e a bissexualidade desse pai também seriam uma das possibilidades.

Neste sentido, a problemática na relação parental estaria no fato da mãe projetar-se no filho, como um espelho, e o pai não intervir para romper com essa relação. O pai, por não admirar o filho, não permitirá que este o idealize e, diante disso, o sujeito se volta para a mãe para satisfazer as suas necessidades de idealização e reparação de suas frustrações. Desse modo, o narcisismo é estabelecido, bem como sua identificação com a mãe (SAADEH, 2004), por não haver uma identificação com a figura paterna, que é desvalorizada. Assim, considerando a capacidade de integração social dos transexuais, Stoller (1982) ressalta que esta relação originária não pode ser considerada psicotizante.

Segundo Arán (2006), apesar de Lacan considerar as diferenças entre o “transexualismo” e a compreensão psiquiátrica da psicose, argumenta que o discurso transexual estaria baseado na certeza delirante em relação à identidade e no desejo incontornável de “mudar de sexo”. Desse modo, não havendo o complexo de Édipo, o recalque e a falta como operadores cognitivos, “o transexualismo” seria uma forma específica de psicose.

Chiland (2008) ressalta a importância da realização de um apoio psicológico no processo psicanalítico, no qual o reconhecimento da condição transexual pode oferecer um espaço de acolhimento que permita uma melhor organização, assim como a ampliação das possibilidades subjetivas. Entretanto, Butler (2009) alerta, uma vez mais, que a compressão da identidade transexual é sustentada por normas de gênero constituídas atualmente, que se convertem em um sistema regulador da sexualidade e subjetividade das experiências.

Almeida e Murta (2013) dizem que os possíveis sofrimentos experimentados por transexuais decorram não de qualquer patologia existente, mas sim de trajetórias de exclusão social. Assim, a experiência trans decorre não apenas por uma percepção de não pertencimento ao sexo biológico, mas, sobretudo, pela precariedade social proveniente da não aceitação desta condição como parte da normatividade cultural vigente.

Diante disso, Arán (2012) reflete sobre a necessidade de deslocar essa compreensão da identidade de gênero transexual para uma concepção da diversidade trans, que exige a individualização do cuidado. Lembra ainda que a clínica psicanalítica tem por princípio escutar e basicamente tentar acolher as diversas manifestações das subjetividades.

5 Sexualidade da Pessoa Transexual

Refletindo sobre a sexualidade dos transexuais, Bento (2012) observa que não há produções científicas que referenciem o tema, especificamente sobre o campo dos desejos desses sujeitos. Coloca em discussão alguns questionamentos sobre como é possível pensar as relações sexuais entre pessoas que têm conflitos, em graus variados, com os órgãos genitais, e sobre esses corpos desprovidos de uma sexualidade na visão dos saberes hegemônicos. A alegação de que as pessoas transexuais odeiam seus corpos é baseada no entendimento de que as partes (os

órgãos sexuais) concebem o todo (o corpo). Desse modo, critica o movimento da modernidade, em que os corpos definem a verdade absoluta sobre os indivíduos.

Esse dispositivo da genitalização da sexualidade, nomeado por Bento (2012), no qual a sexualidade é reduzida apenas a uma zona erógena do corpo ou reduzida ao corpo propriamente dito, violenta as subjetividades trans por produzirem sensações de inferioridade que surgem nas relações afetivo-sexuais pelo “fantasma dos corpos normais” (p. 2662), visto que a vagina e o pênis seriam moedas de negociação nessa relação. Para além dessa genitalização da sexualidade, a autora questiona o quão de fato não há algum prazer nessa experiência.

É preciso entender que a sexualidade é muito mais do que o sexo ou o ato sexual, ela é um aspecto central da vida das pessoas e envolve o sexo, papéis sexuais, orientação sexual, envolvimento emocional. A sexualidade envolve, além do corpo, a história, os costumes, as relações afetivas, a cultura (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009).

Neste sentido, segundo Arán (2006), a sexualidade e a diferença sexual são fenômenos complexos que definem formas de manifestação das subjetividades. Essa ideia torna-se importante também para compreender as expressões singulares que se manifestam na transexualidade, pois ainda prevalece o entendimento de que a pessoa transexual tem de seguir uma orientação sexual heterossexual.

Sobre essa orientação dos desejos, Freud (2016) esclarece que não existe necessariamente uma correspondência entre a pulsão sexual e o objeto de desejo, pois este adquire um caráter variável. E, desse modo, as possibilidades subjetivas se fazem de acordo com a experiência com o outro, que sempre será determinada pelos contextos históricos e sociais.

Assim, os transexuais podem assumir qualquer orientação sexual, isto é, o direcionamento dos desejos afetivos-sexuais de acordo com as categorias – heterossexual³, homossexual⁴, bissexual⁵, assexual⁶, pansexual⁷ - disponíveis atualmente pela “nossa cultura” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009). Cabe ressaltar que a identidade sexual é determinada pela identidade de gênero e não pelo sexo biológico (BENTO, 2012).

³ Pessoas que se sentem atraídas afetivo-sexualmente por pessoas do sexo oposto.

⁴ Pessoas que se sentem atraídas afetivo-sexualmente por pessoas do mesmo sexo.

⁵ Pessoas que se sentem atraídas afetivo-sexualmente por pessoas de ambos os sexos.

⁶ Pessoas que não se sentem atraídas afetivo-sexualmente.

⁷ Pessoas que se sentem atraídas afetivo-sexualmente por pessoas, independentemente da identidade de gênero ou sexual.

6 Aspectos Sociais Envolvidos na Experiência Trans

Almeida e Murta (2013) afirmam que diferentes dimensões da vida são afetadas pela identidade transexual. As histórias que predominam são marcadas por experiências de abandono ou expulsão pela família, assim como violências no contexto escolar, havendo, desse modo, uma predominância da escolaridade limitada. Na inserção para o mercado de trabalho, há um complicador quando os documentos não estão adequados com o gênero expresso, colocando a pessoa transexual em situações constantes de questionamentos e, não raramente, de discriminação.

Essa discriminação amplia o sentimento de humilhação, encontrado em Gonçalves-Filho (2007, p.194):

Pois bem. Humilhação é humilhação social. Corresponde à experiência pela qual perdemos um traço ou o sentimento dele. Um traço de humanidade tem sua experiência impedida. Um impedimento que não é natural ou acidental, mas aplicado ou sustentado por outros humanos. Ninguém haverá, impedido assim, que não viva este impedimento como uma diminuição ou como uma condição inferior.

A complexidade do tema exposto, por si só, denuncia a necessidade de maiores esclarecimentos a respeito da condição trans. Esta investigação visa contribuir como instrumento para melhor compreensão do fenômeno da transexualidade para além do campo da patologia e da marginalização, valorizando as singularidades de cada sujeito.

7 Objetivo

O objetivo deste artigo é apresentar um estudo realizado sobre como ocorre o processo de identificação de gênero de transexuais e a sua vivência sexual no contexto intrapsíquico e social.

8 Sobre o Método Utilizado no Estudo

A amostra escolhida foi de conveniência, selecionando transexuais⁸ masculinos ou femininos, com idade superior a 18 anos, da cidade de São Paulo, a partir da indicação de colegas que conheciam transexuais ou comunidades frequentadas por estes. A ideia inicial era conseguir entrevistar, no mínimo, quatro sujeitos que estivessem em processo de redesignação sexual ou que já o teriam concluído; ou, ainda, sujeitos que apenas desejavam viver e serem reconhecidos como do sexo oposto ao seu biológico, sem a necessidade de intervenção hormonocirúrgica.

Para o desenvolvimento desse estudo, foram contatados nove transexuais e, destes, apenas dois aceitaram participar da pesquisa. Os demais afirmaram não conseguir conciliar os compromissos que possuíam com o tempo que deveriam dedicar ao estudo, além de posterior falta de interesse. Os procedimentos de coleta de dados foram seguidos com todos os participantes convidados, apresentando o objetivo do trabalho e as etapas do seu desenvolvimento.

8.1 Os Instrumentos

Como instrumentos metodológicos foram utilizados:

- 1 Questionário de Caracterização: composto por 12 (doze) questões, com o intuito de obter informações a respeito dos dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa.
- 2 Entrevista semiestruturada: realizada a partir de um roteiro com questões predefinidas pelos pesquisadores, consideradas essenciais para a análise posterior.

8.2 Procedimento de Coleta de Dados e os Aspectos Éticos

Inicialmente, os pesquisadores se apresentaram aos participantes indicados para a pesquisa, esclarecendo sobre os procedimentos e objetivos do estudo. Houve

⁸ Como transexual consideraremos, a partir de Cossi (2010) e Almeida & Murta (2013), as pessoas que nasceram com o sexo biológico em oposição ao gênero que reivindicam o reconhecimento social. Portanto, a cirurgia de transgenitalização não se configura como um definidor para a escolha dos sujeitos.

um convite para participação voluntária, sendo assegurado que as informações fornecidas por eles seriam mantidas em sigilo absoluto.

Em relação aos aspectos éticos, seguindo as orientações da Resolução nº466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2012), os participantes da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de modo a garantir o esclarecimento dos objetivos e procedimentos utilizados na pesquisa, a participação espontânea, o sigilo das informações, a utilização dos dados fornecidos exclusivamente para fins de pesquisa, bem como o direito do participante de retirar seu consentimento, no todo ou em parte, em qualquer momento da pesquisa, sem que isso lhe trouxesse prejuízos de qualquer natureza.

A Resolução nº466/12, legislação atualmente em vigor que estabelece as diretrizes éticas para a pesquisa com seres humanos, define que toda pesquisa possui algum grau de risco. Porém, estudos que empregam técnicas não invasivas à intimidade do indivíduo ou métodos retrospectivos são considerados pesquisas com risco mínimo, dentre as quais, aquelas que utilizam questionários, entrevistas, revisão de prontuários clínicos, entre outros (GUERREIRO, SCHIMIDT & ZICKER, 2008).

Uma vez que foi utilizado questionário de autopreenchimento, respondido de forma anônima, bem como a entrevista, considerou-se que a pesquisa foi de risco mínimo. Ainda, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Santo Amaro (UNISA), que possui o devido registro na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Ministério da Saúde (CONEP/MS).

8.3 Plano de Análise dos Dados

Como o objetivo de investigar os aspectos subjetivos do fenômeno da transexualidade, a abordagem escolhida para a análise dos dados foi a qualitativa. A análise qualitativa, segundo Laville e Dionne (1999, p.214), possibilita um aprofundamento do que está sendo estudado. Leva em consideração as peculiaridades, as nuances expressas, os detalhes. Nesta análise de conteúdo é possível “desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação”.

Os dados obtidos com o questionário de caracterização serviram como instrumentos, possibilitando uma aproximação do perfil dos sujeitos que foram

entrevistados. Foi feito um recorte dos conteúdos das entrevistas, utilizando-se das temáticas estabelecidas como categorias analíticas: 1. Identificação com o gênero transexual; 2. Sexualidade (relação com o corpo, desejos, relações afetivo-sexuais). Todavia, o modelo de recorte escolhido foi o misto, o qual não se limitou às categorias predeterminadas de análise, levando em consideração todos os elementos que se mostraram significativos (LAVILLE e DIONNE, 1999).

A análise dos dados foi dividida em duas partes. A primeira constituiu-se de uma análise psicanalítica das entrevistas individuais, com base nos referenciais teóricos utilizados na pesquisa. A segunda objetivou estabelecer um comparativo entre as singularidades de cada sujeito (participante da pesquisa), verificando semelhanças e diferenças nos enredos das histórias retratadas.

8.4 Resultados e Discussão

Como abordado no campo da metodologia, dos nove sujeitos contatados para o estudo, apenas dois se consolidaram como participantes da pesquisa. Nos primeiros contatos, observou-se certa resistência dos sujeitos convidados para participarem da pesquisa. Pode-se pensar a respeito de inúmeros fatores que perpassam a realidade desses sujeitos, instaurando essa resistência, ao considerarmos que, segundo Almeida & Murta (2013), há sofrimento ao ter de recordar aspectos da história de vida que sejam traumáticos, visto que, de modo geral, as vivências trans são marcadas por situações de exclusão, violência em diversas esferas e marginalização, resultando na humilhação.

8.5 Caracterização dos Participantes da Pesquisa

Para melhor visualização dos dados apresentados pelos participantes da pesquisa, foi elaborada a Tabela 1 a partir das respostas do Questionário de Caracterização. Nosso objetivo aqui foi o de conhecer e apresentar o perfil dos sujeitos participantes da pesquisa, identificados como **o publicitário** e **a maquiadora**, compreendendo as características sociodemográficas e aspectos que envolvem as vivências da realidade trans.

Tabela 1 – Respostas do Questionário de Caracterização dos sujeitos Participantes da Pesquisa

PERFIL	SUJEITOS	
	<i>o publicitário</i>	<i>a maquiadora</i>
Gênero	Masculino	Feminino
Idade	24 anos	29 anos
Nível de escolaridade	Ensino Superior Completo	Pós-graduação Completa
Mora com	Família	Sozinha
Estado Civil	Solteiro	Solteira
Orientação sexual	_____	Heterossexual
Parceiro (a) conjugal	11 meses	1 ano
Início da identificação com o gênero transexual	22 anos	26 anos
Início de aplicações hormonais	24 anos	26 anos
Início de procedimentos estéticos	Não realizou	Não realizou
Início da expressão de gênero com a identidade de gênero assumida	22 anos	26 anos
Atividade profissional	Publicitário	Make-up artist

Foram entrevistados dois transexuais, sendo um masculino e outro feminino, o primeiro com 24 anos e o segundo com 29 anos de idade. Ambos possuem escolaridade nível Superior, são solteiros e estão, cada um com seu par, em relacionamentos afetivos há aproximadamente um ano. *O publicitário* mora com a família; e *a maquiadora*, sozinha. *O publicitário* preferiu não responder sobre sua orientação sexual, afirmando que não a limitaria; *a maquiadora* reconhece-se como heterossexual.

Com relação à identidade de gênero e as vivências trans, ambos possuem experiências semelhantes. Afirmaram que a identidade com o gênero trans foi sendo

construída, porém consideram o início da identificação com a transexualidade quando assumiram socialmente essa identidade de gênero. Tanto *o publicitário* quanto *a maquiadora* realizaram aplicações hormonais para modificações corporais, buscando adequação ao gênero com o qual se identificam. Ela iniciou as aplicações no mesmo período em que se reconheceu como transexual, aos 26 anos, e ele quando tinha 24 anos.

Nenhum dos participantes da pesquisa realizou procedimentos estéticos para a adequação ao gênero de identificação. Contudo, assumiram uma expressão de gênero que corresponde à sua identidade de gênero. *O publicitário*, aos 22 anos, ao se reconhecer como transexual, e *a maquiadora*, aos 26, também no momento de reconhecimento de sua identidade de gênero.

Quanto às atividades profissionais exercidas pelos entrevistados, um dos sujeitos é publicitário e trabalha em uma agência de publicidade; o outro sujeito entrevistado é make-up artist e trabalha com moda.

8.6 Análise das Entrevistas

Com base nas categorias de análise estabelecidas para o estudo, ou seja, Identificação com o Gênero Transexual e a Sexualidade, foi selecionado o material coletado por meio das entrevistas realizadas. Buscou-se, assim, melhor compreensão dos temas abordados, conforme apresentado a seguir.

a) Identificação com o Gênero Transexual

Como discutido anteriormente, a identidade de gênero refere-se a uma construção social, que envolve os aspectos de feminino e masculino, os quais os sujeitos em processo de socialização dialogam em movimentos de negação e afirmação. Foi possível verificar essa construção da identidade no relato da história de vida dos participantes da pesquisa:

Eu vivi uma vida baseada nos limites do que eu conhecia. Nunca fui uma criança muito feminina, nunca gostei de coisas ditas femininas, nunca gostei de boneca, de vestido, nada dessas coisas. Eu fui indo assim desde criança e em torno dos 15 anos eu me descobri lésbica, na minha cabeça o limite do que eu conhecia é que se eu era uma mulher que gostava de mulher, eu era uma lésbica. E fui dos 15 aos 22-23 anos nessa orientação sexual, eu

aceitava essa condição de lésbica, mas sempre foi muito estranho para mim, porque eu me via como menino, eu tinha comportamentos de menino, e agia como menino. A minha primeira namorada foi aos 15 anos e ficamos juntos por 4 anos. Foi nessa relação que começou a surgir essa construção masculina porque começamos a adotar aspectos universo masculino, então ela me tratava no masculino e eu gostava, adotamos um nome masculino nessa época, que foi inclusive o que eu uso hoje; e tudo isso era normal para mim e para ela. (*o publicitário*)

Eu sempre fui muito feminina, muito bichinha na escola. Quando eu tinha 14 anos fui embora, e quando voltei eles realmente viram que eu já não era apenas uma criança afeminada, eu tinha crescido, tinha me tornado adolescente; fui morar em Belém do Pará com a mãe da minha madrasta e essa época foi complicada porque eu fui parar numa escola completamente tradicional, homofóbica, e passei um ano lá, voltei para passar férias e meus pais entenderam que eu era gay, me perguntaram se eu era gay e eu disse que não sabia, mas eu já sabia apesar de nunca ter ficado nem com menino nem com menina. Com 16 anos fui morar sozinha e dei meu primeiro beijo, quando eu transei, era tudo mais fácil para mim. (*a maquiadora*)

A identidade de gênero, enquanto efeito performático e não estático, proposto por Butler (2001), é um movimento construído acerca dos referenciais disponibilizados socialmente aos indivíduos. E é nesse sentido que discorre o *publicitário* em relação às suas experiências:

Depois desse relacionamento, em alguns eu conseguia expor esse lado masculino e em outro não, era como um alterego. Começou uma confusão e eu não sabia como lidar, ele se escondia dentro de mim e eu seguia a minha vida. Por volta dos 22-23 anos, comecei a ter acesso a essas questões de transexualidade em conversa com uma amiga que disse: “eu acho que você é trans”; comecei a pesquisar e ir atrás e fui me reconhecendo e a partir de então, construindo essa identidade masculina.

E, não diferentemente, discorreu *a maquiadora*:

Fui trabalhar em Paris e quando voltei procurei terapia por uma questão profissional, porque eu não sabia o que fazer e foi durante a terapia que me descobri transexual. Eu achava que tinha alguma coisa errada, que eu não me enquadrava no mundo gay nem no mundo hetero, mas eu não sabia o que era, não sabia explicar; então fui procurar um psiquiatra e os dois constataram que eu era transexual. Foi um choque para mim na época, eu tinha preconceito contra trans como a maioria dos gays, eu imaginava: o que eu vou fazer da vida? Vou fazer programa? Meu mundo caiu.

Observa-se que os entrevistados não possuem traços psicóticos, nos quais deveria haver, seguindo a compreensão lacanianiana sobre esse fenômeno, a ideia delirante de pertencimento ao sexo oposto e o desejo incontornável de mudar de sexo. Tanto o *publicitário* quanto *a maquiadora* reconhecem seus corpos biológicos,

contudo, não se identificam com eles.

Segundo Áran (2006), há de se pensar ainda a compreensão das subjetividades que compõem as experiências vividas por esses sujeitos, entendendo que no processo de identificação com as figuras de referência há gradientes subjetivos que interagem de modo singular para cada identidade de gênero. O que nos afirma *o publicitário* no início de sua entrevista:

Uma coisa que é preciso deixar claro é que esse depoimento é sobre mim, porque existem muitas opiniões sobre as mesmas coisas, existem outras realidades, outras histórias. Falo particularmente da minha vivência.

b) Sexualidade

A sexualidade, como aspecto central da vida das pessoas, envolve a relação com o corpo, o sexo, os papéis sexuais, a orientação sexual e envolvimento afetivo. Todavia, observou-se que a sexualidade das pessoas trans é pouca estudada em produções científicas. E há um recorte importante a ser considerado, tendo em vista que essa sexualidade está relacionada a corpos que conflitam entre a materialidade e o que é fantasiado/desejado com o gênero ao qual se identificam.

Buscando entender o modo como esses sujeitos se relacionam com seus corpos, pois essa relação possivelmente reflete no gozo da vivência sexual, verificou-se que ambos enfrentam essa dificuldade:

Eu particularmente nunca tive problema com o meu corpo, pra mim sempre foi uma coisa muito tranquila. Passei a ter problema agora, quando me descobri [transexual], que é questão dos meus seios que antes eu sempre aceitei. Pretendo fazer a mamoplastia para readequar o peito de uma forma mais masculina. (*o publicitário*)

Hoje em dia é muito melhor [a relação com o corpo], já foi muito mais complicada, não tenho prótese. Eu pensei: o que eu posso ter de melhor no meu corpo, e fui tentando adaptar. Meu pai não quis patrocinar a minha prótese, então meu corpo é feito de hormônio. Mas acho que hoje me sinto mais segura com meu corpo, acho que é mais uma questão de idade. (*a maquiadora*)

A dificuldade no lidar com o corpo está atrelada, de acordo com Bento (2012), a uma compressão social desses corpos constituída sobre uma matriz binária, cisgênera e heterossexual, e, desse modo, são deslegitimados pelos saberes

hegemônicos. Neste sentido, a singularidade do significado atribuído a esses corpos deve ser considerada (Áran, 2006).

A não adequação do corpo ao gênero ao qual se identifica, gera um desconforto e certo sofrimento a essa pessoa, como manifestado pela maquiadora: “não tenho o corpo que eu queria ter”. Diante disso, questionou-se se o sofrimento existente com o corpo decorre da não correspondência ao gênero desejado, ou pela frustração em não corresponder a esse padrão estabelecido.

Estar num corpo em discordância com o qual se identifica, provoca algumas dificuldades para o *publicitário* com relação aos seios:

Não era um incomodo tão relevante porque eu aceitava a questão de achar que eu era uma mulher e, seguindo o que a sociedade impõe, ser mulher é ter seios, então ok. Isso começou a me incomodar depois que eu descobri a transexualidade. A minha pessoa começou a não se adequar ao meu corpo e passei a tentar escondê-los. (o *publicitário*)

Contudo, sob o prisma da genitalização dos corpos, proposto por Bento (2012), os transexuais participantes da pesquisa referiram ter uma maior aceitação e, pensando que a experiência sexual engloba a performatividade de todo o corpo no rito sexual, os genitais seriam os maiores complicadores nessa situação:

Não me incomodo com o meu genital, não tenho problema com ele. Gostaria de ter um pênis, mas tudo bem não ter. (o *publicitário*)

Me sinto bem com os meus órgãos genitais. (a *maquiadora*)

Essa aceitação reflete nas relações sexuais desses sujeitos, ao se observar a possibilidade do gozo. A experiência da *maquiadora* corrobora este olhar ao afirmar:

Tenho uma vida sexual bem ativa, com atividade bem grande [risos]. Me acho bonita e acho normal que os homens se interessem por mim. Sou passiva, não tenho preconceito com nada, sempre me relaciono com homens que são ativos. O resto acho tudo válido, não vejo problema porque o mais importante é curtir e dar prazer.

O *publicitário* também tem uma vida sexual ativa, mas enfrenta alguns obstáculos para lidar com sua libido no relacionamento afetivo com a namorada:

Entrei num relacionamento com uma menina há 11 meses, ela tem um pouco de dificuldade na questão da penetração e pra mim é um pouco

complicado. Eu gosto muito de fazer penetração, então isso pra mim é um problema, mas é uma coisa que eu estou tentando lidar da melhor forma possível, os hormônios atrapalham muito pela questão da libido que aumenta demais. Nessa questão do desejo tudo intensificou, tudo que eu gostava de fazer, agora eu gosto muito mais.

Sobre os relacionamentos afetivos, a fala da *maquiadora* corrobora o pensamento de Bento (2012) a respeito das violências às subjetividades trans, por não corresponderem aos corpos socialmente aceitos e legitimados pelo sistema:

A maioria das pessoas que conheci não tem uma relação fixa; 90% das relações são com heterossexuais curiosos. É complicado porque eles não conseguem assumir uma relação com uma trans, as pessoas são muito moldadinhas, elas precisam ter uma vida como a de todo mundo, de casar com uma mulher, é muito complicado. Então eu fico com bastante gente, mas que assuma mesmo uma relação, tiveram duas pessoas. Foram casos meio pesados, meio doloridos, mas hoje em dia eu meio que desencanei disso, porque antes eu ficava sofrendo e pensando: "Eu nunca vou ter uma relação, porque, eles não vão relacionar". Hoje em dia eu penso: "Ai meu amor, vem direto aqui, e se você for legal, aí eu vou pensar em jantar com você".

Entretanto, segundo Áran (2006), é preciso considerar que as relações afetivo-sexuais sempre serão determinadas pelos contextos históricos e sociais. Assim, cabe refletir como é possível a esses sujeitos vivenciarem tais experiências, estando dentro de uma cultura que, avessa ao diferente, os desqualificam enquanto sujeitos de direito, neste caso, o de gozar.

9 Considerações Finais

Segundo Calligaris (2004), uma das características necessárias ao terapeuta é a extrema curiosidade pela variedade da experiência humana. Movidos por essa curiosidade, na perspectiva da atuação psicanalítica, buscou-se estudar o fenômeno da transexualidade, investigando como se constrói essa identidade de gênero, como ela é vivenciada e os desdobramentos no campo da sexualidade em um contexto intrapsíquico e social.

Constatou-se que uma identidade de gênero foi sendo construída ao longo das vivências dos sujeitos entrevistados, o que nos faz pensar no movimento libidinal que não é estático e se desloca de acordo com o desejo e a saciedade desse desejo.

As entrevistas realizadas provocaram questionamentos para possíveis e necessárias investigações: como é possível antes terem uma relação aparentemente de aceitação com seus corpos e após a identificação com a transexualidade conflitarem com estes? O sofrimento vivido pelos participantes da pesquisa com a adequação de seus corpos, surge da não conformidade do corpo com seu gênero ou do gênero com os referenciais disponibilizados de masculino e feminino? No campo da atuação de psicólogos e psicanalistas com essa população, como é possível uma escuta que respeite essas singularidades, pensando num movimento de individualização do cuidado, mas que seja possível diferenciar essa linha tênue do normal e anormal? Mais do que isso, conseguir se aproximar desses sujeitos através da escuta, distanciando-se dos reguladores sociais que normatizam as vivências quando ainda é preciso atuar sobre eles?

Sobre as dificuldades enfrentadas nos desdobramentos de pessoas trans, que perpassam o campo psicológico e emocional e incluem as relações sociais, pode-se pensar que o sofrimento vivenciado por estes talvez seja provocado não por um aspecto patológico, e sim por terem como balizadores referenciais que, em certa medida, não abarcam modos de vida como a singularidade da transexualidade. Afinal, estão diante de um modelo sociocultural binário e cisgênero.

É neste sentido que nos alerta Áran (2006) a respeito do trabalho da psicanálise, deslocando a compreensão da identidade trans das matrizes sociais postas como verdadeiras, mas valorizando as manifestações das subjetividades. Com isso, o questionamento sobre a atuação de psicólogos e psicanalistas voltada para esse público parece ganhar um norteador. A escuta profissional tem de estar desprovida de juízos de valor e de qualquer forma de preconceito, o que não é simples quando esta escuta está calcada nas noções de normal e/ou anormal, desconsiderando as diferenças e as subjetividades.

Olhar para o outro é, de certa forma, ver algo de si. Assim como escutar o outro é, também, escutar algo de si. É, vigorosamente, deparar-se com o desejo muitas vezes negado. E o que se nega, invariavelmente, é o que não se consegue tolerar em si. Potencializa-se, assim, o desejo e suas vicissitudes.

Referências

ALMEIDA, Guilherme Silva de; MURTA, Daniela. Reflexões sobre a possibilidade da despatologização da transexualidade e a necessidade da assistência integral à saúde de transexuais no Brasil. **Revista Latinoamericana**, n.14, ago. 2013, p. 380-407. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sess/n14/a17n14.pdf>.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais V**. Rio de Janeiro: Artmed, 2014.

ARÁN, Márcia. A transexualidade e a gramática normativa do sistema gênero-sexo. **Ágora**, v. 9, n.1, p. 49-63, 2006.

BENTO, Berenice. Sexualidade e experiência trans: do hospital à alcova. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 17, n. 10, p. 2655-2664, 2012.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

CALIGARRIS, Contardo. **Cartas a um jovem terapeuta: o que é importante para ter sucesso profissional**. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2004.

CASTEL, Pierre-Henri. **Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do fenômeno transexual**. São Paulo, Revista brasileira de história, v. 21, n. 41, p. 77-111, 2001.

CATRACA LIVRE. **Guia para não ser transfóbico**. 2015. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/14-dicas-para-nao-ser-transfobico/>. Disponível em: 25 out. 2019.

CHILAND, Colette. **O Transexualismo**. São Paulo: Loyola, 2008.

CORDEIRO, Desirée Monteiro. **Transtorno de identidade sexual em adultos e**

justiça: laudo psicológico para mudanças de prenome. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

COSSI, Rafael Kalaf. **Transexualismo, psicanálise e gênero: do patológico ao singular.** 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros textos. (1901 – 1905).** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GALLI, Rafael Alves *et al.* Corpos mutantes, mulheres intrigantes: transexualidade e cirurgia de redesignação sexual. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 29, n. 4, p. 447-457, 2013.

GONÇALVES-FILHO, José Moura. Humilhação social: humilhação política. *In*: SOUZA, de Paula Beatriz (org). **Orientação à queixa escolar.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

GUERREIRO, Iara Coelho Zito; SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; ZICKER, Fabio. **Ética nas pesquisas em ciências humanas e sociais na saúde.** São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEITE JR., Jorge. **Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias “travestie” “transexual” no discurso científico.** São Paulo: Annablume/FAPESP. 2011.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos contraceptivos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação de transtornos mentais e de comportamentos da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas**. Porto Alegre: OMS, 1993.

SAADEH, Alexandre. **Transtorno de identidade sexual: um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino**. 2004. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SCHREBER, Daniel Paul. **Memórias de um doente dos nervos**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

STOLLER, Robert J. **A experiência transexual**. Rio de Janeiro: Imago, 1982.